

Socialização e percursos (e)migratórios em Portugal:
uma análise a partir de retratos sociológicos

João Teixeira Lopes (IS/FL - Universidade do Porto)

José Pedro Silva (IS – Universidade do Porto)

Rafaela Ganga (IS – Universidade do Porto)

Rui Gomes (CES/FCDEF – Universidade de Coimbra)

Henrique Vaz (CIIE/FPCEUP – Universidade do Porto)

Luísa Cerdeira (IE – Universidade de Lisboa)

Belmiro Cabrito (IE – Universidade de Lisboa)

Dulce Magalhães (IS/FLUP – Universidade do Porto)

Maria Lourdes Machado-Taylor (CIPES - Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior)

Paulo Peixoto (CES/FE – Universidade de Coimbra)

Rui Brites (ISEG – Universidade de Lisboa)

Sílvia Silva (FL – Universidade do Porto/ FE – Universidade de Coimbra)

Tomás Patrocínio (IE – Universidade de Lisboa)

Resumo

Este artigo pretende estudar a ligação entre socialização e emigração qualificada, partindo de uma amostra intencional de cidadãos portugueses que estavam ou estiveram em mobilidade ou emigrados em um país europeu nos últimos seis anos, com habilitações académicas do ensino superior, ou que tivessem exercido uma atividade profissional correspondente a esse nível académico. Nesse sentido, elaboramos vinte retratos sociológicos que permitem, à escala individual, analisar os processos de socialização que favorecem a *fuga de cérebros*, através da criação/mobilização de disposições sociais migratórias, conectadas ou não com processos de mobilidade social e/ou cultural. Concluiu-se que, ainda que se observem casos de heterogeneidade ou mesmo de ruptura disposicional, a maioria dos retratados constitui casos de coerência disposicional favorável à emigração. A emigração qualificada parece acontecer como consequência de um reforço entre disposições favoráveis às quais se soma a vontade em concretizar projetos pessoais profissionais que em Portugal não encontram terreno fértil.

Palavras-chave: Socialização; disposições; retratos sociológicos; emigração qualificada.

Abstract

This article intends to study the link between socialization and highly qualify emigration, from a purposive sample of Portuguese citizens who were or had been emigrants in a European country, in the past six years. This sample is composed by highly qualified individuals or individuals who had an occupation corresponding to this qualification level. In this sense, the resulting twenty individual portraits allow the study of the socialization processes that facilitate the "brain drain". At an individual level, this research design enables the analysis of migratory social dispositions' creation and mobilization, which are related to social and/or cultural mobility processes. One concludes that there are some cases of dispositional heterogeneity and dispositional rupture, but most portraits represent cases of dispositional coherence in favour of emigration. Qualified emigration seems to be a result of dispositions mutual reinforcing towards emigration, in addition to the will to pursue personal and professional projects that do not find fertile ground in Portugal.

Keywords: Socialization; provisions; individual portraits; skilled emigration.

Résumé

Cet article se propose d'étudier le lien entre la socialisation et l'émigration qualifiée, à partir d'un échantillon raisonné, pas aléatoire, des citoyens portugais qui étaient ou avaient été en mouvement ou émigrés dans un pays européen dans les six dernières années, avec des qualifications académiques dans l'enseignement supérieur, ou qu'avaient exercé une activité professionnelle correspondant à ce niveau scolaire. En ce sens, nous avons produit vingt portraits sociologiques qui permettent, au niveau individuel, l'analyse des processus de socialisation qui favorisent la "fuite des cerveaux" par la création/mobilisation des dispositions sociales migratoires, en liaison ou sans rapport avec les processus de mobilité sociale et / ou culturelle. On a conclu que, bien que des cas d'hétérogénéité ou même de rupture sont observés, la majorité des cas représente des trajectoires de cohérence dispositionnel favorable à l'émigration qualifiée. Celle-ci semble se produire à la suite d'un renforcement des dispositions favorables à laquelle est ajoutée la volonté de réaliser des projets professionnels personnels que, au Portugal, ne trouvent pas un terrain fertile.

Mots-clés: socialisation; dispositions; portraits sociologiques; émigration qualifiée.

Socialização e migrações (a questão de pesquisa)

O presente artigo centra-se sobre os processos e contextos de socialização que, ao longo do percurso biográfico, originam disposições sociais migratórias, conectadas ou não com processos de mobilidade social e/ou cultural, através de uma análise qualitativa, assente em vinte retratos sociológicos, metodologia proposta por Bernard Lahire (2002) e por nós atualizada (LOPES, 2014). Assim, partimos de uma amostra intencional, não aleatória, de cidadãos portugueses que estavam ou estiveram em mobilidade ou emigrados em um país europeu nos últimos seis anos, com habilitações académicas do ensino superior, ou que tivessem exercido uma atividade profissional correspondente a esse nível académico

Essa análise insere-se em um projeto vasto sobre as migrações portuguesas incluídas no fenómeno da *fuga de cérebros (Brain drain)*¹. O *brain drain* refere-se à transferência de capital humano com elevados níveis de educação e competências dos países menos desenvolvidos para os países mais desenvolvidos (BEINE, DOCQUIER, & RAPOPORT, 2008). Essa transferência cria condições favoráveis à reutilização desses recursos pelos países de destino, limitando, desse modo, a rentabilização dos investimentos educativos realizados nos países de origem. Por outras palavras, as sociedades e economias dos países menos desenvolvidos sofrerão potencialmente uma rarefação de pessoas qualificadas, particularmente nos serviços ligados à cadeia de produção de valor, comumente apelidados de setor *quaternário*, com especial enfoque no setor de I&D (MATTOO, NEAGU, & ÖZDEN, 2005).

Esse tipo de migração torna-se ainda mais complexo porque corresponde a uma fuga de cérebros que limita o retorno do investimento educacional dos países de envio. Tendo em consideração essa perspectiva, tal processo significa, então, que os países de acolhimento vão beneficiar de capital humano altamente qualificado a custo zero. Mas significa ainda, potencialmente, a mobilização de pessoas com disposições favoráveis à investigação, inovação, desenvolvimento e participação, podendo gerar dinâmicas sociais que em muito ultrapassam o estrito domínio da economia.

Daí, em parte, o intenso debate público (MALHEIROS, 2011) que em Portugal se tem gerado, particularmente após o deflagrar da crise econômica-social que levou à assinatura do Memorando de Entendimento com a chamada Troika (Fundo Monetário Internacional, Banco

¹ Projeto de pesquisa “Êxodo de Competências e Mobilidade Académica de Portugal para a Europa”, com o registo PTDC/IVC-PEC/5049/2012, apoiado pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), coordenado por Rui Gomes e envolvendo as Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto.

Central Europeu, Comissão Europeia) e do qual resultaram amplas medidas de austeridade, assentes na contenção orçamental (com retração de despesas sociais e serviços públicos, cortes de salários, pensões e reformas).

De acordo com os dados disponibilizados pelo Observatório da Emigração (PIRES, PEREIRA, AZEVEDO, SANTO, & VIDIGAL, 2015), a emigração qualificada portuguesa teve um crescimento de 87,5% entre 2000/1 e 2010/11, passando de um valor relativo de 6,2% na totalidade da emigração para um valor de 9,9% em 2010/11, atingindo atualmente 11% da totalidade da emigração. Se considerarmos este último valor, no período 2011-2013 estima-se que o fluxo de emigração qualificada tenha atingido um valor de cerca de 40.000 sujeitos.

Metodologia: Perfis-tipo e retratos sociológicos

A revisão da literatura permitiu a construção de perfis-tipo dos migrantes qualificados, de acordo com a definição de um tipo particular de relação com o fenómeno em estudo e com as hipóteses teóricas avançadas, cruzando quatro grandes princípios estruturantes: i) características temporais da mobilidade: permanente ou temporária, de longo prazo ou transitória; ii) posição social no sistema de emprego: segmento primário ou secundário do mercado de trabalho; iii) perfil funcional no sistema de emprego: académicos e cientistas, outras profissões altamente qualificadas; iv) tipo de mobilidade: direta (depois de ter entrado no sistema de emprego do país de origem), indireta ou latente (após um período de estudo no país de acolhimento).

Os quatro perfis-tipo construídos são os seguintes:

- i. migração para um país europeu para o exercício de profissões no sistema científico ou no ensino superior;
- ii. migração de longo prazo para um país europeu para trabalhar no segmento primário (equivalente às qualificações académicas) ou secundário (abaixo das qualificações académicas) do sistema de emprego;
- iii. mobilidade estudantil europeia, que conduz à inserção nos segmentos primário ou secundário do sistema de emprego do país em que é feita a formação;
- iv. mobilidade e circulação transitória ou pendular através de redes europeias de ciência, produção, serviços ou cultura.

Em função dessas categorias, selecionaram-se os indivíduos a serem retratados, em uma relação de 13 indivíduos por cada perfil-tipo, em um total de 52 retratos. Neste artigo, analisaremos apenas cinco retratos por cada perfil-tipo, embora a totalidade das biografias esteja já disponível², tendo a seleção recaído naqueles que, por um lado, fornecem uma maior quantidade de informação sobre o percurso migratório e, por outro, apresentam dimensões significativas da variedade de trajetórias.

Os retratos sociológicos surgem como dispositivo metodológico capaz de resgatar uma dupla pluralidade nas trajetórias individuais: por um lado, a pluralidade das disposições internas, tendo em conta a sua gênese, a sua desigual *força* e sistematicidade; por outro lado, a pluralidade contextual, externa, associada à multiplicidade de processos, agências e contextos de socialização ou modos da vida. Dito de outro modo: somos indivíduos plurais em contextos também plurais. Bernard Lahire (2002) apresenta-nos uma grande teoria capaz de corresponder à pluralidade e complexidade contemporâneas. Na genealogia da teoria da prática, esse autor francês desenvolveu uma série de pesquisas que lhe permitiu propor um programa assente no ator plural, exposto a princípios de socialização múltiplos, diferentemente atualizado ao longo do seu percurso e fortemente relacionado com os domínios de atividade, as situações e os contextos.

Lahire (1998) chega a propor o abandono do conceito de *habitus*³ substituindo-o pela noção de *património individual de disposições*, em que se salientam, precisamente, repertórios de disposições, com gêneses diferentes, graus de ativação distintos e forças diferenciadas.

Na verdade, um amplo trabalho de pesquisa tem demonstrado que as disposições se transferem sob um determinado número de condições. Como já referimos, existem situações que as ativam, mobilizando-as, enquanto outras as adormecem ou inibem. As próprias disposições têm graus desiguais de robustez, em íntima articulação com a sua gênese (o modo particular como nem em determinado indivíduo o processo de socialização – sempre plural, mais ou menos contraditório e acionado por múltiplos agentes, inclusive no próprio meio familiar – se exerceu). Importa, desse modo, perceber os detalhes das variações intraindividuais, como cada indivíduo se desdobra em compromissos e metamorfoses

² Todos os retratos sociológicos produzidos no âmbito do projeto de investigação “Êxodo de Competências e Mobilidade Académica de Portugal para a Europa” (PTDC/IVC-PEC/5049/2012) estarão disponíveis para consulta no *website* www.bradrano.pt.

³ O conceito de *habitus*, tal como foi proposto por Pierre Bourdieu, diz respeito a um conjunto de visões do mundo e disposições para a ação coerente e inculcado que, decorrendo do posicionamento e da trajetória do indivíduo no espaço social, estrutura as suas práticas sociais (BOURDIEU, 1997).

múltiplas pelos diferentes domínios de ação. É nesse âmbito que Lahire (2002) propõe os retratos sociológicos como um dispositivo metodológico.

Ao contrário de alguma vulgata, a ideia não consiste em conceber um indivíduo isento de constrangimentos sociais, dessocializado ou fragmentado. Pelo contrário, pretende-se analisar a sua produção social, em termos de complexidade. Afinal, o indivíduo é multissocializado e multideterminado, corpo socializado e socializador que reflete no seu percurso a arquitetura invisível das forças sociais, desenvolvendo modos de relação consigo próprio e com os contextos e situações onde se move. Essa forma de produção de si incorpora os mais pesados constrangimentos sociais e nada deve às teorias encantadas e ilusórias do livre-arbítrio. Lahire (2002) refere-se a esse processo como sendo o da constituição das pregas singulares do social, advogando a autonomia e a pertinência complementares de uma escala de observação e de um nível de análise que os sociólogos não podem abandonar, sob pena de se tornarem analiticamente míopes.

Contudo, a escala de observação individual não exclui as demais: a um nível meso, encontram-se os quadros de interação e as instituições (LOPES & COSTA, 2014); a um nível macro e estrutural, estão as posições no espaço social. De certa forma, o *interior* não é mais do que um *exterior* no estado dobrado. Diz Lahire (2013, p.16): “Não há para os indivíduos qualquer existência possível fora do tecido social (...) as fibras desse tecido, que se cruzam e entrecruzam são constitutivas de cada indivíduo”, formando, assim, uma espécie de coeficiente de singularidade. Ora, é esse coeficiente que aqui se pretende estudar: é objetivo deste artigo apreender os contextos de origem, consolidação e ativação da disposição para emigrar.

Importa salientar que, nesta pesquisa, os retratos foram sempre orientados para a(s) experiência(s) emigratória(s) dos sujeitos – não se trata de uma mera história de vida, antes do delinear de um percurso que desemboca na emigração.

Quadro 1 – Caraterização sociográfica dos retratados.

	Idade	Origens Sociais	Escolaridade	Profissão	País onde reside
<i>Ana Baião</i>	29	Mãe: auxiliar da 3ª idade; Pai (falecido): pequeno empresário da restauração	Licenciatura em Arqueologia	Estudante de mestrado. Pequenos trabalhos em museus	Reino Unido
<i>Carlos Mesquita</i>	26	Mãe: oficial de justiça. Ensino superior incompleto; Pai: professor do ensino superior. Pós-graduado em Pintura	Licenciatura em Design Gráfico	Designer e fotógrafo	Alemanha
<i>Daniel Barradas</i>	41	Mãe: trabalhadora dos correios; Pai: trabalhador dos correios	Licenciatura em Design Gráfico	Designer	Noruega
<i>Joana Antunes</i>	30	Mãe: diretora da secção de redes e traçados do grupo Metrô; Pai: sócio-gerente de empresa da construção civil	Mestrado em Engenharia Geológica e Mineira	Geotechnical Assistant Engineer	Reino Unido
<i>Yara Reis</i>	34	Mãe: veterinária. Licenciada; Pai: despachante aduaneiro. Licenciado.	Doutoramento em Biologia	Gestora de Ciência	Alemanha
<i>Alexandre Faria</i>	25	Mãe: curadora de um museu; Pai: professor universitário.	Mestrado em Engenharia Física	Estudante de doutoramento e professor universitário.	Reino Unido
<i>Ângela Relógio</i>	39	Mãe: economista. Licenciada; Pai: empresário e gestor de empresa familiar. 12.º ano.	Doutoramento no Laboratório Europeu de Biologia Molecular (EMBL)	Investigadora	Alemanha

Joana Batista	25	Mãe: operária fabril. 11º ano incompleto; Pai: encarregado da construção civil (emigrado na França). 12º ano incompleto	Licenciatura em Análises Clínicas e Saúde Pública	<i>Research Assistant</i>	Reino Unido
Manuela Alcobia	43	Mãe: doméstica (fazia traduções e dava explicações); Pai: engenheiro eletrotécnico.	Mestrado em Bioquímica	Técnica de saúde para diagnóstico genético	Reino Unido
Alexandra Veríssimo	30	Mãe: professora do ensino básico; Pai: escriturário	Licenciatura em Comunicação e Marketing	Relações entre empresa e cliente	Reino Unido
Liliana Silva	30	Mãe: empresária (loja familiar) 12º ano; Pai: economista	Mestrado em Psicologia	Empregada de limpeza	Bélgica
Bruno Azenha	30	Mãe: Administrativa (11º ano); Pai: Trabalhador civil na aérea de transporte de pessoal do exército	Mestrado em Engenharia Informática	Engenheiro informático	Reino Unido
Inês Cabrito	31	Mãe: técnica de radioterapia; Pai: professor universitário	Doutoramento em Química Aplicada	Química numa empresa de biofarmacêutica	Bélgica
Marisa Ferreira	31	Mãe: doméstica (foi tradutora); Pai: pequeno empresário (serralharia)	Mestrado em Artes Visuais	Artista	Noruega
Marta Amaral	35	Mãe: técnica de laboratório; Pai: bancário (faleceu quando Marta tinha sete anos)	Doutoramento em Conservação e Restauro	Técnica na área de conservação e restauro	Alemanha

Francisco Fernandes	35	Mãe: sem profissão. 12º ano; Pai: economista	Doutoramento em Física e Química Aplicadas	Professor universitário	França
Joana Campos	25	Mãe: formação universitária em língua inglesa; Pai: não há informação	Licenciatura em Anatomia Patológica	Doutoranda em Anatomia Patológica	Reino Unido
Tiago Franco	37	Mãe: escriturária; Pai: engenheiro	Licenciatura em Engenharia Eletrônica	Engenheiro Eletrônico	Suécia
Sónia Machado	28	Mãe: esteticista; Pai: Técnico Oficial de Contas	Licenciatura em Arquitetura	Arquiteta	Alemanha
Rita Rodrigues	31	Mãe: formação académica superior (sem mais informação); Pai: engenheiro eletrotécnico; Padrasto: engenheiro naval e mecânico; professor universitário;	Doutoramento em Virologia	Professora Auxiliar e Investigadora	Portugal, a Alemanha e a Finlândia

O quadro síntese anterior mostra bem a juvenildade da amostra: com duas exceções, os retratados têm menos de 40 anos, fazendo parte dessa categoria designada de *adulter emergente* ou *jovens adultos*, aprisionados no prolongamento sociológico da juventude por viverem dificuldades nos trânsitos entre ciclos de vida e passagens institucionais (FERREIRA & PAIS, 2010), amiúde não completando as transições (para a vida adulta, para o trabalho contratualizado, para uma família de destino). Por outro lado, provêm de famílias com médio ou alto capital escolar (excetuando Ana Baião e Joana Batista), o que indica como forte a possibilidade de a emigração se efetuar como *evitamento* de processos de desclassificação social, particularmente acentuados em períodos de crise econômica e social, permitindo manter ou melhorar níveis de vida, pela procura no estrangeiro de empregos mais ou menos correspondentes à formação acadêmica.

Finalmente, destacaríamos, nesse ponto, a escolha esmagadora de países do centro europeu, mostrando como a transferência de capital humano altamente qualificado consolida posições geopolíticas anteriores de centralidade (centro e norte da Europa) e periferia (Portugal).

Coerências, dissonâncias, rupturas

Começamos por analisar a distribuição dos percursos em termos de coerência, heterogeneidade disposicional ou mesmo de ruptura biográfica. De certo modo, esta análise implica uma opção artificial, se pretendermos que a classificação dos casos seja mutuamente exclusiva. Raros são os percursos que formam um patrimônio individual de disposições totalmente unificado e confirmado, contexto após contexto de socialização, ciclo de vida após ciclo de vida, incorporando a mesmidade e operando uma radical economia da contradição e da dissonância. Em todos os retratados, existe algum coeficiente de diversidade disposicional, até pela multiplicidade de papéis sociais exercidos e pela plêiade de experiências vividas em uma pluralidade de mundos da vida.

Desse modo, consideraremos, em termos de análise, que existe coerência disposicional quando se conjugam, mobilizam e reforçam quadros e experiências de socialização, favoráveis ou desfavoráveis, face à decisão (efetivamente tomada) de emigrar. No primeiro caso, a emigração surgirá com *paixão*, ou pelo menos fortemente incrustada ao percurso biográfico, nas suas múltiplas instâncias. No caso de uma coerência desfavorável, a emigração assome com *sofrimento, desgosto e/ou rejeição*.

Nos casos de heterogeneidade, assistiremos a uma luta entre forças com graus diferentes de intensidade, em que as disposições mais arreigadas (porque mais precocemente interiorizadas e/ou porque mais ativa e sistematicamente mobilizadas) levam a que o ator oscile, hesite ou viva com ambiguidade a sua decisão. Em percursos em que essa heterogeneidade se radicalize, poderemos encontrar situações de ruptura biográfica que obrigam a escolhas, muitas vezes por inflexão de percurso, ou à resolução de impasses com maior ou menor grau de ativação de mecanismos e recursos de reflexividade.

Quadro 2 – Casos de coerência/heterogeneidade/ruptura disposicional ao longo do percurso que culmina na decisão de emigrar.

Coerência disposicional		Heterogeneidade disposicional	Ruptura biográfica
<i>Favorável à emigração</i>	<i>Desfavorável à emigração</i>		
Ana Baião		Joana Batista	Manuela Alcobia
Carlos Mesquita		Bruno Azenha	Carlos Barradas
Joana Antunes			
Francisco Fernandes			
Joana Campos			
Tiago Franco			
Sónia Machado			
Yara Reis			
Alexandra Faria			
Ângela Relógio			
Alexandra Veríssimo			
Liliana Silva			
Inês Cabrito			
Marisa Reis			
Rita Rodrigues			

Caso a caso: percursos de coerência disposicional favorável à emigração

Ana Baião é um caso curioso em que, apesar (ou por causa...) de um percurso turbulento marcado por movimentos, mais ou menos bruscos, de mobilidade social (ora ascendente, ora descendente), associados a percalços na vida dos progenitores, cedo criou disposições de autorresponsabilização e de autonomia, que em muito ultrapassam as necessidades económicas ou as preocupações. Assim, a emigração é vista como uma experiência que permite a aquisição de competências e o *alargamento de horizontes*, e foi

uma intenção reforçada pelas experiências migratórias prévias na família e pela disponibilidade do namorado para partilhar a experiência.

Carlos Mesquita é um excelente exemplo de socializações precoces mutuamente sedimentadas. Oriundo de uma família com estudos superiores em que o pai, professor no ensino superior, se dedicou à pintura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, cedo frequentou atividades culturais, familiarizando-se com objetos e códigos artísticos e interessando-se especialmente pela fotografia. A escassez de oferta no ensino superior português nessa área foi colmatada com o ingresso no programa Erasmus, escolhendo de forma muito consciente uma universidade com uma *licenciatura forte em fotografia* em Budapeste, onde regressa depois de completar a licenciatura em Portugal. A sua preocupação em integrar-se na Hungria foi tão bem sucedida que adquiriu disposições cosmopolitas, altamente fortalecidas pelas suas redes de trabalho. Solteiro, sem filhos, com colaborações em vários países do mundo e a residir atualmente em Berlim, Carlos vê-se como um *nômade*, com um capital social extenso, parcialmente desconectado de Portugal.

Joana Antunes considera-se empurrada para fora de Portugal pela crise e consequente dificuldade em encontrar a sua realização profissional no país de origem. Filha de engenheiros civis, diz-se influenciada pela família na escolha da sua carreira profissional na engenharia, mas não na decisão de emigrar – apesar de ter um tio que a incentivava a estudar e trabalhar fora do país e de viajar com alguma frequência, primeiro com os pais e, depois, com o namorado. A sua primeira experiência profissional no estrangeiro, no interior angolano, foi dura e marcada por condições adversas. Depois de perder um emprego em Portugal, devido aos impactos da crise no setor das obras públicas, parte para a Malásia com o marido, conhecendo um contexto bom para viver, mas mau para trabalhar, com poucas oportunidades de carreira para uma mulher engenheira. Acompanhando novamente o marido, partiu para Londres, encontrando finalmente uma experiência profissional que a preenche.

Marta Amaral, uma técnica na área de conservação e restauro de 35 anos oriunda da Covilhã, foi desde cedo incentivada a adquirir disposições de autonomia e mobilidade pela sua mãe, que a incentivou a frequentar a licenciatura em Lisboa. Marta, desde aí, traça um percurso académico e profissional de forte mobilidade geográfica, sempre apoiado pela família: da Covilhã a Lisboa (licenciatura); de Lisboa a Roma (estágio Leonardo Da Vinci); de Roma a Florença (doutoramento); de Florença à Bélgica (curta estada) e, finalmente, Berlim, onde encontra emprego imediatamente depois de terminar o doutoramento. A disponibilidade para emigrar, consolidada pelo seu percurso académico, não pode ser

dissociada da importância da mãe enquanto figura marcante na sua socialização (o pai faleceu quando Marta tinha sete anos).

Francisco Fernandes, professor universitário em Paris, é oriundo de uma família burguesa nortenha. Acabou por ir viver, trabalhar e constituir família na mesma cidade para a qual os pais emigraram nos anos setenta; isto apesar de, no seu discurso, marcar uma distância face ao percurso migratório da família de origem. Francisco iniciou o seu trajeto de circulação aquando da sua experiência de Erasmus em Metz, no âmbito da licenciatura em Química Aplicada. Essa experiência estimulou-o para investir em uma carreira de investigação, levando Francisco a decidir prosseguir para doutoramento. Não preenchendo os requisitos para conseguir uma bolsa de doutoramento em Portugal, emigra para Madrid, onde obtém financiamento para o seu projeto. Terminado o doutoramento, Francisco regressou a Portugal. Contudo, os laboratórios portugueses *não ofereciam o que procurava* e o contrato universitário de pós-doutoramento *competitivo e estimulante* chegou da França, levando Francisco a sair de novo, mais uma vez impulsionado pelo seu projeto de carreira.

Joana Campos, doutoranda da Universidade de Birmingham em Anatomia Patológica, reconhece a experiência de estágio proporcionada pelo programa Erasmus na Inglaterra (Sheffield, na Hallam University) como o espoletar do seu interesse pela investigação científica, e ainda pela mobilidade. Oriunda de um contexto familiar com experiências migratórias, Joana reconhece na família, igualmente, a sua matriz de vida: leque diversificado de práticas culturais (cinema, ida a exposições, viagens turísticas, leituras); a educação materna para um certo ascetismo no consumo; assim como a formação em língua inglesa por parte da mãe. A progenitora aparece como uma referência e um suporte importante para a decisão de partir de Portugal: “se ela dissesse na altura ‘Filha, não vás’, eu não tinha ido. O fato de me dizer ‘Vai, vai, estou aqui a apoiar-te’, acho que foi muito, muito importante”.

Tiago Franco, engenheiro eletrônico de 37 anos, residente em Gotemburgo, emigrou pelo *desejo de aventura*, estimulado pelo Erasmus na Finlândia e o consequente contato com outras realidades distintas da portuguesa. Contudo a circulação já não lhe era estranha, uma vez que *vagueou* pelo país ao sabor das mudanças importadas pela profissão do pai, igualmente engenheiro eletrônico, tendo frequentado seis escolas diferentes. O Erasmus é percebido por Tiago como uma experiência que lhe permitiu frequentar uma universidade moderna e tecnicamente bem equipada, conhecer uma vasta diversidade de gentes e culturas e autonomizar-se da família. Essa experiência fez surgir um contexto favorável para a ativação

das disposições para emigrar e para a construção de contatos e redes que tornaram possível tal decisão.

Sónia Machado tem 28 anos e mora em Berlim desde 2010. No seu percurso, o programa de mobilidade estudantil Erasmus foi fundamental para a decisão de emigrar, que surge reforçada pelas dificuldades de inserção profissional em Portugal. Sónia saiu de Vila Real de Santo António para frequentar a licenciatura em Arquitetura na Universidade Técnica de Lisboa. Apaixonada pelo campo artístico, tentou entrar na escola de cinema, mas não cumpriu os requisitos mínimos. A frequência da licenciatura e a vida em Lisboa abriram a Sónia um leque de oportunidades de vida até então desconhecidas. Assim, ainda que a ideia da mobilidade acadêmica tenha estado sempre presente no imaginário de Sónia, a influência de três amigos da faculdade foi decisiva para uma experiência Erasmus em Berlim. De regresso a Portugal, Sónia procurou um contexto laboral que lhe permitisse fazer estágio, mas, não tendo encontrado em Portugal um atelier que a acolhesse, optou por emigrar e Berlim afigurou-se como o destino óbvio.

No caso de **Yara Reis**, a disposição para a emigração construiu-se e reforçou-se, desde cedo, em múltiplos contextos, surgindo quase como uma coisa *natural*. Oriunda de uma família multicultural, conviveu desde muito cedo com a mobilidade geográfica, nacional e internacional: viveu primeiro em Moçambique e depois em várias localidades portuguesas, muito diferentes entre si. Após várias tentativas infrutíferas para conseguir uma bolsa para os seus estudos doutorais em Portugal, Yara fez o doutoramento na Alemanha. A saída do país foi apoiada por familiares e reforçada pela percepção de que, para construir a carreira científica que deseja, as experiências de mobilidade internacional são fundamentais.

Alexandre Faria é um caso que a disposição para emigrar foi ativada no contexto acadêmico e reforçada pelo seu projeto de vida e por um sentimento de independência e emancipação de relações familiares de dependência. Filho de um professor universitário de física e de uma curadora de um museu de ciência da universidade, Alexandre almeja uma carreira acadêmica. Aproveitando os contatos internacionais da universidade do Porto, realizou um estágio Erasmus na Universidade de Kent, onde se deparou com melhores condições de trabalho e de acesso a financiamento. Hoje, é professor universitário e estudante de doutoramento nesta universidade inglesa, projetando o regresso a longo prazo.

As primeiras viagens de **Ângela Relógio** para fora de Portugal foram-lhe proporcionadas pela mãe, que sempre incentivou a sua autonomia, mas a disposição para emigrar consolidou-se, sobretudo, através da construção de uma carreira na ciência: parte do

seu doutoramento foi realizado em Heidelberg. Ângela vê a mobilidade internacional como uma experiência enriquecedora e, ao mesmo tempo, necessária para a edificação de uma carreira acadêmica. Por isso, não se sente uma emigrante, afirmando que “a sua casa é o mundo”.

Alexandra Veríssimo é um caso em que as esferas laboral e afetiva se reforçam mutuamente na gênese da sua disposição para emigrar. Oriunda de uma família com um passado de experiências migratórias e habituada a viajar desde a juventude, deixou o país acompanhando o namorado, que partiu para um novo emprego em Londres. No entanto, Alexandra, que detém uma licenciatura em que já não se revê e que, em Portugal, passou por experiências de trabalho insatisfatórias, já pensava emigrar ainda antes de o namorado deixar o país.

Na história de **Liliana Silva**, a decisão de emigrar é reforçada por múltiplos contextos de vida. Com familiares na Alemanha, insatisfeita com várias das experiências profissionais que teve após a licenciatura e, de uma forma geral, com as condições de trabalho oferecidas e os salários praticados em Portugal, partiu para a Bélgica, onde já se encontrava o namorado, para realizar um doutoramento. No entanto, a disposição para emigrar já existia, e o casal estava a aprender alemão, tendo em vista a partida. A experiência de Erasmus, definida como “a melhor coisa que fez”, em muito contribuiu para o desejo de experimentar viver em outros países. E nem o fato de trabalhar hoje abaixo das suas qualificações, como empregada de limpeza, não tendo concretizando o seu projeto de fazer o doutoramento, a faz pensar em regressar ou sequer arrepende-se da decisão.

As deslocações ao estrangeiro estiveram presentes desde cedo na vida de **Inês Cabrito**, devido à prática de uma modalidade desportiva, o tiro. Com gosto pelo trabalho de investigação, escolheu a química aplicada como área de estudos, licenciando-se e, em seguida, doutorando-se. A primeira saída prolongada do país foi para Nantes, com uma bolsa Marie Curie, valorizada como um momento de enriquecimento pessoal. Regressou a Portugal, com o companheiro francês e um filho nascido em França, para trabalhar na sucursal de uma biofarmacêutica belga. Com o seu encerramento, transferiu-se para a sede da empresa, em Gent, sentindo dificuldades de adaptação devido à língua. Considera sair da Bélgica, mas não para regressar ao seu país – o que se explica pela situação econômica portuguesa, o desinvestimento em ciência e a precariedade das bolsas de investigação.

Marisa Ferreira revela, desde a juventude, uma clara disposição para a mobilidade e o contato com contextos culturais diversificados, reforçada pela esfera familiar, pelos afetos, e

pelo seu projeto profissional. Oriunda de uma família com tradições migratórias, e habituada a viajar com familiares, teve uma primeira experiência de mobilidade ainda no ensino secundário, em Luxemburgo. Tentou ingressar na licenciatura em Paris; sem o conseguir, procurou, também sem sucesso, fazer o programa Erasmus. No entanto foi principalmente a ambição de construir uma carreira artística, percebida como difícil em Portugal, a par do exemplo de alguns professores da Universidade de Évora, que lhe mostraram a viabilidade de “funcionar em dois países”, que a levaram a acompanhar o marido – então namorado – na emigração para a Noruega, com o apoio dos pais.

Rita Rodrigues desenhou um percurso escolar de sucesso e, no final da licenciatura, uma professora incentivou-a a procurar construir uma carreira internacional. Rita conseguiu um estágio na universidade de Cornell, nos EUA, para o qual beneficiou do apoio da sua família, que não só recebeu bem a ideia da experiência além-fronteiras, como financiou os seus custos. Nesse estágio, conheceu o seu futuro orientador de doutoramento, que viria a realizar em Berlim. Foi nessa cidade que Rita iniciou a sua atual relação amorosa. Hoje, vive em trânsito entre Portugal, onde dá aulas no ensino superior, a Alemanha, onde tem uma bolsa de investigação, e a Finlândia, onde o namorado está a fazer um pós-doutoramento.

Caso a caso: percursos de heterogeneidade

São apenas dois os casos de heterogeneidade disposicional, conforme se constata pelo Quadro 3:

Quadro 3 – Contextos de ativação do processo migratório nos percursos de heterogeneidade.

Família	Profissão	Aprendizagem formal	Amigos	Formação social
	Joana Batista	Joana Batista	Joana Batista	Joana Batista
	Bruno Azenha			Bruno Azenha

No respeitante a **Joana Batista**, a disposição para emigrar ganha coerência através das dimensões escolar, profissional e dos afetos, com a crise econômica como pano de fundo. Na sequência da perda de emprego do pai, teve de conciliar os estudos com o trabalho desde a adolescência. Marcada positivamente por um estágio de Erasmus na Suécia e negativamente por experiências profissionais precárias e pouco gratificantes em Portugal, viu na emigração a possibilidade de encontrar uma situação laboral mais satisfatória e assim começar a construir uma vida com o seu namorado, cuja decisão de emigrar reforçou a sua vontade de sair. Apesar

de fazer um balanço positivo, considera a resolução de emigrar como “a mais assustadora da sua vida”, sentindo que abandonou alguns familiares.

Bruno Azenha, mestre em engenharia informática, teve as primeiras experiências de mobilidade internacional, que considera amplamente gratificantes, através de uma associação juvenil. O seu primeiro trabalho implicou deslocações ao estrangeiro, de curta duração mas frequentes. Em seguida, teve uma experiência profissional de seis meses em Madrid. A procura e obtenção de um emprego em Londres surgiu como a consequência das dificuldades que, no regresso a Portugal, sentiu em encontrar um trabalho estimulante em um país em crise. Mas, se o trabalho o impulsionou para a emigração, os laços afetivos que ficaram em Portugal – familiares, amigos e uma relação amorosa que acabou por não resistir à distância – funcionaram como um contraponto que tornaram o primeiro ano em Londres penoso.

Caso a caso: as rupturas biográficas

Vejamos, finalmente, as situações em que a decisão de emigrar se produziu em processos de ruptura biográfica.

Quadro 4 – Fatores e Processos de Ruptura Biográfica.

Momentos (ciclo de vida)	Contextos (eclosão)	Mudanças (disposicionais)
Entrada na idade adulta (Carlos Barradas)	Relação afetiva (Carlos Barradas)	Sedimentação de disposições cosmopolitas (Carlos Barradas)
Maternidade (3 filhos) (Manuela Alcobia)	Contexto profissional (seu e do marido); crise econômica (Manuela Alcobia)	Reconstrução da carreira profissional (Manuela Alcobia)

No percurso de **Carlos Barradas** existem linhas de continuidade. Uma família com algum capital escolar e focada na escolarização dos filhos favoreceu a sua dedicação aos estudos e a prossecução de hábitos de leitura e de prática musical, que o levaram a seguir estudos musicais, contra vontade, e depois *design* gráfico, em Lisboa. Tudo parecia encaminhado para uma internacionalização pela porta grande, em Nova Iorque, mas fez a escolha *menos lógica*, rumando à Noruega, a convite do namorado que acabara de conhecer. A partir daí, o contato com a realidade laboral norueguesa, em vários empregos ligados ao *design*, a inserção em *redes gay* e as inúmeras situações de abertura à diversidade,

consolidaram fortes disposições cosmopolitas. Regressou a Portugal com o namorado, devido a ter resvalado para uma situação de subemprego, mas a crise de 2008 fá-lo regressar à Noruega, onde encontrou novo relacionamento, com quem se casou. Hoje, mesmo não se sentindo profissionalmente seguro, não vislumbra qualquer possibilidade ou desejo de regresso, dada a proteção social que a Noruega lhe oferece. Essa percepção vincada de um regresso improvável, associada à idade madura, torna-o nostálgico, o que mostra bem como as disposições cosmopolitas podem coexistir com inclinações saudosistas.

No caso de **Manuela Alcobia**, a disposição para emigrar resulta de uma situação de ruptura, produzindo ela própria reajustamentos subsequentes. Antes de partir, Manuela estava empregada há treze anos em um hospital público, trabalhando como técnica de saúde para diagnóstico genético. No entanto, a impossibilidade de progressão na sua carreira na função pública, a que não são indiferentes as políticas de austeridade adotadas em Portugal, associada à instabilidade no trabalho do marido, com salários em atraso, obrigaram-na a optar entre a emigração ou um ajustamento do estilo de vida face à nova realidade econômica familiar. Escolhendo a primeira opção, toda a família emigrou para Londres de forma planejada. No Reino Unido vivem com boas condições financeiras, mas com algum sofrimento pelos laços deixados em Portugal. Manuela retrocedeu – momentaneamente, pelo menos – do ponto de vista da carreira e do reconhecimento profissional e reconhece ter agora menos espaço para ser criativa no trabalho. Por outro lado, gosta do papel que a confiança tem nas relações laborais, e considera estarem reunidas melhores condições para ajudar os três filhos a construir um futuro.

Notas conclusivas

Antes de mais, importa referir uma surpresa na análise dos resultados: não esperávamos encontrar tantos casos de coerência disposicional favorável à emigração. Insistimos em um ponto: não estamos a falar de percursos monolíticos nem de indivíduos despojados de pluralidade (de princípios de socialização, papéis e experiências sociais ou mesmo patrimônios de disposições). Contudo, parece claro que a emigração surge como consequência de um reforço entre disposições favoráveis à autonomia, emancipação e cosmopolitismo (contato precoce com o universo das viagens e das diferenças culturais), a influência de outros significativos nos processos de socialização (pais, familiares, professores, amigos) e, em muitos trajetos, a vivência de experiências de mobilidade estudantil (Erasmus).

Essa conjugação é estimulada quer pela vontade em concretizar aspirações e projetos (em que frequentemente se cruzam motivos amorosos e profissionais), quer pela constatação de uma ausência de contextos de ativação de disposições e competências qualificadas em Portugal. A dissociação entre percursos académicos bem-sucedidos e altamente qualificados e o mercado de trabalho nacional, incapaz de absorver esses recursos, gera um efeito de procura de realização profissional em um contexto internacional, o qual passa a ser percebido como um mercado global.

Os casos de heterogeneidade evidenciam o choque entre diferentes dimensões da vida na construção da disposição para a mobilidade, evidenciando, assim, a complexidade e pluralidade presentes em cada indivíduo. Para além disso, eles revelam ainda que, se a emigração trouxe consigo a possibilidade de satisfazer certas ambições, ela tem também custos produtores de um certo mal-estar. Nos dois casos de heterogeneidade observados, os sujeitos encontram-se em uma situação profissional consideravelmente mais satisfatória do que aquela que conheciam em Portugal. Não obstante, detecta-se a expressão de um certo sofrimento, provocado por um sentimento de perda – ou, pior ainda, de abandono – de laços com pessoas significativas que ficaram em Portugal que, mesmo que não seja suficientemente forte para que se lamente a decisão de emigrar, gera alguma ambiguidade.

Finalmente, as trajetórias de ruptura denotam bifurcações biográficas, com reajustamentos significativos. Em um caso, evidencia o predomínio de lógicas afetivas (Carlos Barradas), em outro a recusa em aceitar uma abrupta queda social (Manuela Alcobia).

Essa é uma síntese possível, resultado do olhar comparativo entre trajetórias. Contudo, gostaríamos que ela não descartasse a ideia da multiplicidade de casos e de percursos, percebendo como, em cada indivíduo, se cruzam de forma singular, única e irrepitível múltiplas influências socializadoras, processos e dinâmicas sociais, experiências e momentos. Assim, importa, ainda, sublinhar a potencialidade do retrato sociológico enquanto dispositivo metodológico, não sendo displicente afirmar que esse dispositivo metodológico permite captar, por um lado, a complexidade das sociedades contemporâneas, através da análise transversal e comparativa e, por outro lado, a natureza plural dos projetos de vida, através da prática de uma sociologia ao nível do indivíduo.

Referências

- AA.VV. *Memorando da troika anotado*. Disponível em:
<<http://www.publico.pt/economia/memorando-da-troika-anotado>>
- BEINE, M.; DOCQUIER, F.; & RAPOPORT, H. Brain Drain and Human Capital Formation in Developing Countries: Winners and Losers. *The Economic Journal*, 118(528), 631-652, 2008.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas – Sobre a Teoria da Acção*. Oeiras: Celta, 1997.
- FERREIRA, V. S.; & PAIS, J. M. *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.
- _____. *L'Homme pluriel. Les ressorts de l'action*. Paris: Nathan, 1998.
- _____. *Portraits Sociologiques*. Paris: Nathan, 2002.
- _____. O Singular Plural. *Cadernos do Sociófilo, Quarto Caderno*, 2013, pp.16-26.
- LOPES, J. T. Retratos sociológicos: dispositivo metodológico para uma sociologia da pluralidade disposicional. In: TORRES, L. L. & PALHARES, J. A. *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação*. V. N. de Famalicão: Húmus, 2014.
- LOPES, J. T., & COSTA, A. F. *Estrutura, contexto e agência nos percursos desiguais dos estudantes do ensino superior: Fatores e processos de sucesso e insucesso*. In: COSTA, A. F.; LOPES, J. T., & CAETANO, A. *Percursos de Estudantes no Ensino Superior*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2014. pp.203-210.
- MALHEIROS, J. *Portugal 2010: o regresso do País de emigração? Notas e Reflexões*. Disponível em: <observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1>
- MATTOO, A.; NEAGU, I. C.; & ÖZDEN, C.. Brain Waste? Educated Immigrants in the U.S. Labor Market. *World Bank Policy Research Working Paper 3581*, 2005, s/p.
- PIRES, R. P.; PEREIRA, C.; AZEVEDO, J.; SANTO, I. E.; & VIDIGAL, I. *Portuguese Emigration Factbook 2014*. Disponível em: Observatório da Emigração:
<<http://www.observatorioemigracao.pt/np4/1269>>

JOÃO TEIXEIRA LOPES

Doutorado em Sociologia da Cultura e da Educação. Professor Catedrático e Investigador. IS/FL - Universidade do Porto. Contato: jmteixeiralopes@gmail.com

JOSÉ PEDRO SILVA

Doutorado em Sociologia. Bolseiro de Investigação. IS – Universidade do Porto. Contato: j.silva.pedro@gmail.com

RAFAELA GANGA

Doutorada em Sociologia. Professora Assistente e Bolseira de Investigação. IS – Universidade do Porto. Contato: rafaela.ganga@gmail.com

RUI GOMES

Doutorado em Ciências da Educação. Professor Catedrático e Investigador. CES/FCDEF – Universidade de Coimbra. Contato: ramgomes@gmail.com

HENRIQUE VAZ

Doutorado em Ciências da Educação. Professor Assistente e Investigador. CIIE/FPCEUP – Universidade do Porto. Contato: henrique@fpce.up.pt

LUÍSA CERDEIRA

Doutorada em Ciências da Educação. Professora Assistente e Investigadora. IE – Universidade de Lisboa. Contato: Luisa.cerdeira@ie.ulisboa.pt

BELMIRO CABRITO

Doutorado em Ciências da Educação. Professor Associado aposentado e Investigador. IE – Universidade de Lisboa. Contato: b.cabrito@ie.ulisboa.pt

DULCE MAGALHÃES

Doutorada em Sociologia. Professora Assistente e Investigadora. IS/FLUP – Universidade do Porto. Contato: dulcegracamagalhaes@gmail.com

MARIA LOURDES MACHADO-TAYLOR

Doutorada em Ciências Empresariais. Investigadora. A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior; CIPES - Centro de Investigação de Políticas do Ensino Superior). Contato: lmachado@cipes.up.pt

PAULO PEIXOTO

Doutorado em Sociologia. Professor Assistente e Investigador. CES/FE – Universidade de Coimbra. Contato: pp@fe.uc.pt

RUI BRITES

Doutorado em Sociologia. Professor Associado. ISEG – Universidade de Lisboa. Contato: rui.brites52@gmail.com

SÍLVIA SILVA

Doutoranda em Sociologia e Bolseira de Investigação. FL – Universidade do Porto/FE – Universidade de Coimbra. Contato: silvia.m.martins.silva@gmail.com

TOMÁS PATROCÍNIO

Doutorado em Ciências da Educação. Professor Assistente. IE – Universidade de Lisboa. Contato: patrocinio.tomas@gmail.com